intexto
E-ISSN 1807-8583

UFRGS
PPGCOM

Artigo

Do ciborgue aos fungos: as contribuições de Donna Haraway para o campo da comunicação

Daniela Zanetti
Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, Vitória, ES, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3252-2271

Adriana Bravin
Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Jornalismo, Mariana, MG, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2454-3486

Resumo

Este artigo discorre sobre alguns dos principais tópicos de investigação, conceitos e abordagens teórico-metodológicas de Donna Haraway, com o objetivo de apontar possibilidades de aplicação em pesquisas e estudos vinculados ao campo da comunicação social, abrindo, assim, caminhos para novas epistemologias. As reflexões da autora sobre informação, multiespécies, bioética, natureza, Antropoceno, entre outros tópicos, podem fornecer subsídios para se compreender as dinâmicas existentes entre diferentes atores sociais envolvidos em diversos fenômenos naturais, sociais e culturais, inclusive pela ótica da comunicação. Para tanto, a revisão bibliográfica foi o principal recurso metodológico utilizado neste trabalho. A investigação identificou em escritos da autora reflexões que de alguma forma se ancoram em fenômenos comunicacionais e nas dinâmicas das trocas informacionais como metáforas de processos complexos envolvendo nossa relação com o meio ambiente, a natureza e outros seres vivos.

Palavras-chave

Donna Haraway; comunicação social; epistemologias; multiespécies, natureza

1 Introdução

Um dos aspectos centrais das reflexões da filósofa e bióloga norte-americana Donna J. Haraway[1], professora emérita do departamento de História da Consciência da Universidade da Califórnia, é a problematização da relação estabelecida entre seres humanos e outros animais, ou ainda outros seres vivos, ou ainda outras entidades (tais como as máquinas), sempre buscando apontar como as transformações ambientais, tecnológicas, sociais e culturais interferem nessa relação. Ao dispensar a tradicional divisão entre ciências humanas e ciências da natureza, Haraway traça paralelos entre modos de ser e estar no mundo – individual ou coletivamente – e certos fenômenos que afetam (direta ou indiretamente) nossa vida em sociedade, tais como extinção de animais ou a destruição de ecossistemas.

Daí se depreende algumas constatações que levam a autora a propor novos conceitos e linhas de raciocínio que apontam para "enquadramentos" inovadores sobre o mundo que habitamos e sobre as formas como são estabelecidas conexões entre diferentes tipos de entidades que habitam o planeta Terra. Com isso, também questiona certezas dominantes – como, por exemplo, o determinismo tecnológico, a crença na modernidade e no progresso, as identidades fixas – para então sugerir outros parâmetros de compreensão acerca de fenômenos naturais, sociais e culturais na chave da articulação humano/não humano, natureza/tecnologia, e rompendo com dualismos que colocam em oposição ou incompatíveis ciências naturais e ciência humanas, natureza e cultura, e ser humano e outros animais.

Podemos considerar que desde pelo menos seu *Manifesto Ciborgue*, escrito nos anos 1980, Haraway já se vincularia a uma vertente epistemológica que recusa certos dualismos tão persistentes nas tradições ocidentais e, portanto, nas ciências em geral, e que têm servido "[...] à lógica e à prática da dominação sobre as mulheres, as pessoas de cor, a natureza, os trabalhadores, os animais – em suma, a dominação de todos aqueles que foram constituídos como outros e cuja tarefa consiste em espelhar o eu [dominante]" (Haraway, 2013, p. 90-91). O trabalho da autora, como outras e outros de sua geração, também é afetado pelo pós-

[1] A autora nasceu em Denver, Estados Unidos, em 1944. Graduou-se em zoologia com especialização em literatura e filosofia pelo Colorado College, em 1966, e estudou biologia evolutiva e teologia na Foundation Teilhard de Chardin em Paris. Doutorou-se em biologia na Universidade de Yale em 1972. Entre 1971 e 1974, lecionou na Universidade do Havaí e, entre 1974 e 1980, na Universidade Johns Hopkins. Nos anos 1960 e 1970, integrou "movimentos contraculturais antiguerra, antirracistas, pelos direitos civis e liberdade sexual, tornando-se militante feminista e dialogando criticamente com os feminismos marxistas e socialistas". Em 1980, ingressou no programa de história da consciência, na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, no qual é professora emérita. Ver Donna Haraway (2022).

modernismo, pós-colonialismo, multiculturalismo e movimentos sociais que emergem a partir dos anos 1960, como o feminismo e a luta contra o racismo.

Este artigo tem como proposta apresentar alguns dos principais tópicos de investigação, conceitos e abordagens teórico-metodológicas de Donna Haraway, com o objetivo de apontar possibilidades de aplicação em pesquisas e estudos vinculados ao campo da comunicação social. Para tanto, o trabalho não se propõe a uma revisão de literatura exaustiva ou que abarque toda a produção da autora, limitando-se a identificar pontos de sutura e de articulação possíveis entre princípios epistemológicos defendidos por Haraway, bem como certas dinâmicas dos fenômenos comunicacionais.

Entre outras características, o campo da comunicação é marcado pela preocupação "[...] com modos de articulação entre objetos e processos comunicacionais e contextos socioculturais", reconhecendo que a comunicação ocorre sempre "em contexto" e a partir de "dispositivos interacionais"" (Braga, 2011, p. 76), pois:

> [...] envolve a previsão de um "lugar" epistêmico de ocorrência dos episódios comunicacionais, em que os diversos elementos sociais, heterogêneos, se articulam e tensionam, segundo determinados sistemas de relações, em função mesmo dos objetivos comunicacionais da sociedade e seus setores (Braga, 2011, p. 76).

Em tempos de emergência climática e de mudanças rápidas das condições de vida do planeta Terra, questionar os discursos engendrados pelo jornalismo, a publicidade ou o cinema quando, por exemplo, tratam de temas como degradação ambiental, veganismo, justiça climática, fome ou agronegócio no Brasil utilizando as perspectivas de Donna Haraway sobre multiespécies, tecnocultura, bioética ou Antropoceno, pode fornecer subsídios para se compreender as dinâmicas existentes entre diferentes atores sociais envolvidos nesses eventos e em fenômenos correlatos.

Isso porque a visível deterioração da biodiversidade e as consequências da crise climática exigem novas abordagens e formas de reflexão. Segundo Moore (2022), as filosofias, os conceitos e as histórias utilizadas para dar algum sentido às incertezas do presente global em geral são ideias herdadas de outra época e lugar, e constituem justamente o tipo de pensamento que provavelmente não ajudará a resolver a turbulência global atual.

As formas de narrar e as relações entre ser humano e outros seres vivos são alguns dos principais tópicos a serem aprofundados neste artigo. Por isso, antes de adentrarmos

mais especificamente no pensamento da autora, listamos nesta introdução alguns eventos que ganharam destaque em portais de notícias, como forma de introduzir a problemática que conduz nossa reflexão.

Em 2023, uma polêmica envolvendo uma capivara, um influenciador digital e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) ganhou repercussão nacional. Um jovem estudante de Agronomia de uma cidade do interior do Amazonas passou a criar uma capivara em sua fazenda, e seus vídeos mostrando a rotina com o animal viralizaram em seu canal do TikTok. A capivara, chamada Filó, ampliou o engajamento de seu canal nas redes. O Ibama, entendendo se tratar de um animal não doméstico e que sua imagem estava sendo explorada, multou o rapaz e exigiu que a capivara fosse devolvida à natureza. Após um imbróglio judicial, e o envolvimento de políticos, ativistas e outros influenciadores digitais, o jovem obteve a guarda provisória de Filó (Barrucho, 2023).

Outro caso de destaque na mídia ocorreu em fevereiro de 2024: 19 mil bois exportados vivos do Brasil para o Iraque em um navio foram encontrados em estado deplorável – alguns doentes e outros mortos –, durante uma parada na Cidade do Cabo, capital da África do Sul, situação que foi relatada pelo Conselho Nacional de Sociedades para a Prevenção da Crueldade contra Animais, organização sul-africana em defesa dos animais (Harari; Campos, 2024). Frente ao episódio, representantes de diversas organizações de proteção animal, profissionais e ativistas enviaram uma carta ao Senado Federal pedindo celeridade na tramitação do Projeto de Lei n. 3093, de 2021, que proíbe a exportação de animais vivos via marítima para abate no exterior (Repórter Brasil, 2024).

Entre abril e maio de 2024 em função das chuvas e inundações que devastaram muitas cidades do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil, casas foram perdidas e milhares de pessoas ficaram desabrigadas. Pessoas e animais, especialmente os domésticos, receberam tratamento similar no que se refere aos serviços de socorro, atendimento médico de urgência e acolhimento em abrigos, e a cobertura midiática também deu atenção especial ao trabalho de resgate de animais (Paz, 2024).

Em julho de 2024, em Curitiba (PR) um cão acidentado foi separado de seu dono, um homem que vivia em situação de rua. Após ter reencontrado o cão, que estava em um abrigo e seria entregue para adoção, o homem acionou a Defensoria Pública, alegando poder cuidar do animal. A justiça, reconhecendo a condição de uma família multiespécie e, portanto, – a

existência de uma diversidade de modelos familiares, determinou que o município localizasse e entregasse o animal de volta a seu dono (Vicenzo, 2024).

Muitas outras histórias envolvendo animais não humanos que povoam as mídias sinalizam a emergência de novos atores sociais, conexões e redes que se forjam na contemporaneidade, em um contexto marcado pela tecnocultura e suas contradições – informação/desinformação, inclusões/exclusões, excesso/escassez. Assim como o feminismo e outras questões de gênero na virada do século XXI demandaram (e ainda exigem) reformulações de paradigmas e de práticas no campo da comunicação social (Escosteguy, 2020), os muitos eventos decorrentes das mudanças climáticas nos interpelam a pensar novas formas de estabelecer relações com o meio ambiente, e precisam ser considerados no processo de construção de representações, discursos e narrativas sociais que circulam nos meios de comunicação.

Martins (2021) levou em conta esses aspectos em uma investigação que buscou identificar se, e como, a "voz" de outras espécies – a perspectiva dos animais – está presente no jornalismo brasileiro contemporâneo, à luz de uma visada não antropocêntrica e não especista. "Pode o animal falar?" Essa foi a pergunta principal da pesquisa, que se debruçou sobre coberturas jornalísticas de alguns eventos específicos. Dentre as conclusões, a autora afirma que:

> A análise das duas coberturas selecionadas demonstrou que mesmo em contextos propícios ao debate sobre ética e direitos animais, a abordagem sobre o tema foi muito restrita. As poucas matérias que deram voz às demais espécies apresentavam, quase sempre, declarações superficiais, descontextualizadas e distorcidas. Questões sobre ética e bem-estar animal foram praticamente negligenciadas, apesar de serem intrínsecas aos assuntos em pauta. Uma quantidade significativa de informações foi omitida e ativistas foram silenciados (Martins, 2021, p. 568).

Sem esgotar o tema e reconhecendo a existência de estudos similares, os exemplos citados acima servem para ilustrar algumas questões destacadas e complexificadas por Haraway no sentido de romper com dualismos que insistem em manter padrões rígidos de compreensão e apropriação do mundo, e que pretendemos articular aqui com o campo da comunicação social, como já assinalado. A seguir, discorremos sobre aspectos que entendemos serem de grande relevância na obra de Donna Haraway, de forma a sintetizar suas ideias e agregar também novas tessituras epistemológicas.

2 Contar histórias e mostrar o mundo: a dimensão da comunicação

Como zoóloga, Haraway conhece bem a relevância da informação para os organismos, pois trata-se de um elemento constituinte das dinâmicas da comunicação que, em essência, baseiam-se em sistemas de codificação/decodificação. É nesse âmbito que se destacam a linguagem, a escrita, os textos, as imagens, sons e ruídos, elementos semióticos constituintes das narrativas e que se articulam ao processo de produção de sentidos. Vera França nos lembra que o sujeito da comunicação, e inserido nos processos comunicativos, é um sujeito social, no mundo, "[...] enredado numa teia de relações" (França, 2006, p. 76), e perpassado por narrativas. Por isso, compreende-se os textos (narrativas, discursos, representações) "em movimento", com ênfase nas interlocuções.

É o que também destaca Haraway quando afirma que "[...] nos relacionamos, conhecemos, pensamos, mundificando e contamos estórias por meio de e com outras estórias, outros mundos, outros saberes, outros pensamentos, outros desejos" (Haraway, 2023, p. 191). Para a autora norte-americana, o mundo é subdividido por fronteiras que são permeáveis à informação de distintas maneiras. A informação é o elemento que está na base da mecânica de "tradução do mundo" que se assenta em um problema de codificação (Haraway, 2013, p. 65), e as "[...] disputas em torno dos significados da escrita são uma forma importante da luta política contemporânea" (Haraway, 2013, p. 86). A autora aproxima as ciências da comunicação e as biologias modernas a partir da questão da *tradução e da codificação*, que representa a busca de "[...] uma linguagem comum na qual toda a resistência ao controle instrumental desaparece e toda a heterogeneidade pode ser submetida à desmontagem, à remontagem, ao investimento e à troca" (Haraway, 2013, p. 64)[2]. Compreende, desta forma, que se trata de uma operação com algum caráter de controle, a exemplo dos fenômenos característicos das ciências da comunicação, como as teorias de sistema cibernéticas (sistemas controlados por *feedback*) aplicadas, por exemplo, à telefonia, ao design de computadores, à utilização de armas de guerra ou à construção e à manutenção

[2] O modelo matemático de comunicação proposto pelo norte-americano Claude Elwood Shannon ainda na década de 1940 compreendia o sistema de comunicação a partir dos seguintes elementos: a fonte de informação, que produz uma mensagem; o codificador ou emissor; o canal/meio de transmissão; o decodificador e o destinatário. Esse modelo forneceu a outros campos científicos noções de informação, codificação e decodificação. "A teoria matemática da comunicação forneceu aos especialistas em biologia molecular um quadro conceitual para dar conta da especificidade biológica, do caráter único do indivíduo" (Mattelart; Mattelar, 2006, p. 61). Apesar disso, a formulação desconsidera a significação dos sinais, ou seja, o sentido que lhe atribui o destinatário e sua intenção, e será complexificada ou questionada posteriormente por outros pesquisadores da Mass Communication Research e também de outras perspectivas do campo da comunicação social. Nos estudos culturais, Stuart Hall, por exemplo, introduz a dimensão dicursiva na relação codificação/decodificação e propõe compreender esse processo "[...] em termos de uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução" (Hall, 2006, p. 365).

de bancos de dados. A interrupção da comunicação representaria uma ameaça a essa lógica centrada na fórmula "[...] comando-controle-comunicação-inteligência" (Haraway, 2013, p. 64).

Astuta observadora da natureza, Haraway coleta suas histórias como uma cientista em campo, mas vai além. Em suas obras (Haraway, 2023, 2022a) descreve experiências (acadêmicas ou do cotidiano) suas, de amigos e amigas, artistas, trabalhadores, pessoas próximas ou desconhecidas, pesquisadores e pesquisadoras, plantas, fungos e outros animais; resgata casos, depoimentos, resultados de investigações científicas, notícias; inverte perspectivas, oferece outros pontos de vista inusitados sobre acontecimentos, sistemas e processos; propõe nexos físicos e imaginários. Assim, vai ilustrando suas teses e argumentos, costurando narrativas e estabelecendo conexões entre atores sociais, personagens, eventos, fenômenos e situações que apenas parecem estar isolados. "Meus relatos multiespécies contam sobre a recuperação em meio a histórias complexas, que são tanto cheias de morte quanto de vida; tão cheias de finais, e mesmo de genocídios, quanto de inícios" (Haraway, 2023, p. 23).

Os fluxos de informação e os processos de comunicação aparecem como questões importantes para Haraway, sendo sensível também às formas midiáticas e suas estéticas, discursos e narrativas. Por exemplo, ao analisar a série de televisão *Crittercam*, veiculada no canal National Geographic em 2004, Haraway (2022a) examina os elementos imagéticos e discursivos da produção em busca de indícios a respeito das relações estabelecidas entre humanos e os animais que habitam os mares. Crittercam é um conjunto de instrumentos de captura de imagens, sons e dados ambientais, que inclui uma câmera que pode ser acoplada em animais selvagens, com o objetivo de estudar seu comportamento na natureza. Considerando o ponto de vista dos animais monitorados, os cientistas conseguem vivenciar suas rotinas diárias. O equipamento foi inventado pelo biólogo marinho da National Geographic Greg Marshall em 1986, e é esse o dispositivo audiovisual utilizado para o desenvolvimento do referido programa de TV.

Haraway destaca o modo como esse recurso é exaltado nos textos de divulgação da série, que convidam o telespectador a experimentar "estar no lugar" dos animais, sem nenhuma interferência humana. "Através do olho da câmera colado, literalmente, ao corpo do outro, nos é prometida a experiência sensória completa das próprias criaturas, sem a maldição de ter de permanecer humano" (Haraway , 2022a, p. 333). A autora examina os episódios do programa em suas dimensões internas e externas – a fotografia, a edição, a

narração, os personagens/atores sociais em cena, os metatextos, o discurso dos produtores – e assume o lugar de uma espectadora crítica e consciente das potencialidades e fragilidades da atração, trazendo questionamentos que abarcam as instâncias da produção e da recepção em comunicação: "[...] qual é a história técnica e social dos dispositivos ao longo do tempo", "como o público (científico e popular, criança e adulto) aprende as habilidades semióticas necessárias para assistir a vídeos caseiros de animais e ter alguma ideia do que está vendo") ou "[...] qual é a agência semiótica dos animais no trabalho hermenêutico da Crittercam?" (Haraway 2022a, p. 336 e 345), já apontando para o modo de interação dos produtores com os animais em foco no programa.

A partir da análise dessa série televisiva, que articula entretenimento e pesquisa científica, Haraway reflete também sobre os meios, as mídias, ciente de suas especificidades não somente técnicas, mas também ideológicas, e sobre a relação hermenêutica estabelecida entre animal-humano-tecnologia. Trata-se de compreender que toda visão tem uma natureza corporificada. Haraway fala em instrumentos de visualização, que compreendem não apenas uma dimensão biológica, mas também tecnológica. Presenciamos uma espécie de tributo à "ideologia da visão direta", proporcionada por sistemas de ultrassonografia, ressonância magnética, tomografia computadorizada, imagens por satélite, recursos de inteligência artificial para produção e aperfeiçoamento de imagens, dispositivos de vídeo domésticos e câmeras para os mais diversos propósitos. Tecnologias da visualização como próteses.

Os dispositivos tecnológicos – neste caso, câmeras especiais acopladas em animais – permitem não somente a produção e a veiculação de sons e imagens, mas sobretudo a experimentação da linguagem e a demarcação de modos de interpretação e codificação do mundo. "Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê? Ver com quem? Quem deve ter mais do que um ponto de vista? Nos olhos de quem se joga areia? Quem usa viseiras? Quem interpreta o campo visual?" (Haraway, 1995, p. 28). Nesse sentido, Haraway nos lembra que a Crittercam representa "[...] os olhos compostos do organismo colonial" (Haraway 2022a, p. 344), e que os animais, neste caso, não são atores atuando de modo simétrico no que se refere à agência e à intencionalidade:

> Os animais, os humanos e as máquinas estão todos enredados em trabalho (e brincadeira) hermenêutico(s) pelas exigências material-semióticas de se dar bem em mundos de vida específicos. [...] Esse é o tipo de percepção que nos faz saber que seres humanos situados têm obrigações epistemológicas e éticas para com os animais. Especificamente, temos que aprender quem eles são em toda sua alteridade não unitária a fim de ter uma conversa com base

> em linguagens cuidadosamente construídas, multissensoriais e compostas (Haraway, 2022a, p. 346).

É central a questão da alteridade, que requer ver e ouvir esses outros animais em suas sensibilidades, e também a própria natureza em nosso entorno. "A interdependência das espécies é a regra do jogo da mundificação na Terra, um jogo que exige respostas e respeito" (Haraway, 2022a, p. 31). Como estabelecer pontos de contato que transcendam as linguagens pré-concebidas e criar novas formas de narrar a partir da consciência de que partilhamos os mesmos tempos e espaços e também os mesmos "problemas" de coexistência neste planeta?

Uma metáfora para essa imbricada teia de relações que a autora propõe se traduz na sigla SF: *science fiction* (ficção científica), *speculative feminism* (feminismo especulativo), *science fantasy* (fantasia científica), *speculative fabulation* (fabulação especulativa), *science fact* (fato científico) e, ainda, *string figures* (figuras de barbante), em alusão à brincadeira "cama de gato" (Haraway, 2023, p. 24). Poderíamos considerar a SF uma forma de comunicação, de transmissão de informações, capaz de transcender modelos de tradução já estabelecidos e hegemônicos? SF pressupõe uma prática e um processo (Haraway, 2023, p. 15) e contribui para pensar como podemos contar histórias para a (nossa) sobrevivência: histórias situadas, simpoiéticas, multiespécies, emaranhadas e criativas. Como as figuras de barbante que tecemos juntos, SF é também um fazer e desfazer o tempo todo (a metáfora da "cama de gato"), tomar e passar adiante, receber e transmitir, apropriar-se, deglutir e compartilhar:

> SF é contar histórias e fatos; é desenhar padrões de mundos e tempos possíveis, mundos material-semióticos, passados, presentes e futuros. Trabalho com figuras filamentosas como um tropo teórico, uma maneira de pensar-com um bando de companheiros em simpoiética fiação, feltragem, enredo, busca e seleção (Haraway, 2023, p. 69).

Assim, esse "[...] método de rastreio para seguir um fio no escuro, em um conto de aventuras real e perigoso onde quem vive e quem morre (e de que maneiras) pode tornar-se mais nítido para o cultivo da justiça multiespécie[3] (Haraway, 2023, p. 15), desdobrando-se em uma série de práticas, uma espécie de fabulação social, que inclui modos de viver junto, momento de fazer com. E o próprio tornar comum da comunicação – a criação de vínculos

[3] Em Haraway, a expressão "justiça multiespécie" considera que as instituições atuem com e para indivíduos humanos e não humanos, incluindo-se, por exemplo, perspectivas jurídicas como o reconhecimento crescente de direitos da natureza e dos animais.

(Sodré, 2002) – também só se realiza em via de mão dupla, ou múltipla, nunca unidirecionalmente. De acordo com Sodré (2002), o objeto da comunicação não é a mídia, mas a vinculação humana que se constitui no midiático, ou o modo como estamos juntos socialmente, criando conexões e interfaces: a lógica comunicacional de um *bios* midiático, uma forma de vida que emerge da interface entre o corpo, a técnica e o imaginário coletivo. Sodré (2002) desloca o foco da comunicação como mera transmissão de informação para compreendê-la como uma prática antropológica e existencial, fundamentada em redes vivas de relações, corporeidade e presença. Nessa chave de interpretação, Sodré oferece uma abordagem da comunicação não apenas como técnica ou mediação simbólica, mas como uma forma de estar-no-mundo – uma tessitura de sentidos que atravessa o corpo, o território e a ancestralidade. O foco não está na informação, mas na formação de laços sociais, na maneira como os sujeitos se conectam, se reconhecem e se afetam uns aos outros em contextos mediados.

A partir da crítica ao humanismo antropocêntrico que separa natureza e cultura, Haraway (2023) propõe uma forma de comunicação relacional e situada na qual o que importa são os vínculos. No entanto, em vez de focar nos vínculos sociais humanos mediados pelo *bios* midiático, Haraway amplia o escopo: ela está interessada em com quem e de que maneira estamos vinculados, incluindo aí os seres não humanos, como animais, plantas, bactérias, algoritmos, paisagens e ecossistemas como parceiros ontológicos e comunicativos.

Tanto Muniz Sodré quanto Donna Haraway nos convocam a repensar radicalmente a comunicação: não como uma operação de controle ou representação do mundo, mas como forma de estar, coexistir e cuidar – seja na encruzilhada das culturas, seja na simbiose com os não humanos. A proposição SF, de Haraway, em aproximação ao *bios* midiático, de Sodré, oferece caminhos críticos para imaginar outras formas de vida em rede, baseadas não no espelhamento, mas na escuta, na presença e na construção de vínculos significativos.

SF considera ainda as fabulações críticas, as vozes que precisam ser nomeadas pois não nomear é como não dar existência, é a própria negação de um léxico para aqueles condenados à não-existência em um tempo especialista em produzir ausências. Ailton Krenak (2019) denuncia isso em relação aos que habitam as "bordas do planeta" – indígenas, quilombolas, mulheres, pessoas pretas, queers, imigrantes – e, ainda, em relação à vida de um rio, em coma, impactado pelas atividades predatórias da mineração. Por isso, a provocação deste pensador e filósofo é sempre poder contar mais uma história e, desse modo, seguir adiando o "fim do mundo".

É o que propõe Haraway (2023): pensar por meio de histórias, ou um "pensar com" na forma de narração dos problemas de um presente espesso. O Chthuluceno é esse tempo composto de histórias em SF, práticas multiespécies, de devir-com, de política de nomeação e ainda de fabulação para que haja uma narrativa, ou narrativas que não foram narradas, para que haja estórias e histórias possíveis de continuidade, para tornar visível o invisível. Chthuluceno é elaborado pela autora como uma alternativa ao conceito de Antropoceno, que ela considera insuficiente, visto ser muito genérico e centrado apenas na ação dos seres humanos. Não se trata de uma era geológica, mas uma proposta filosófica e de ação, uma forma de habitar o planeta na contemporaneidade de forma ética e responsável. O termo é inspirado no nome da aranha Pimoa Cthulhu – como metáfora dos emaranhamentos da teia – e também agrega a palavra de origem grega *khthôn*, que signidica "terra", "solo".

3 O Chthuluceno: uma terceira estória para narrar em simpoiese

Um tempo de urgência, precariedade e de vulnerabilidade para todas as formas de vida. Um tempo constituído de um presente incerto, por isso, denso, espesso, com temporalidades entre o que foi, o que é e o que virá, sem separação. Um tempo pensado com os emaranhados de Haraway (2022a, 2022b, 2023), com humanos e não humanos, ciborgues, perspectivas parciais (as particularidades, as subjetividades) não inocentes, ecofeminismos, pós-humanismo, novos materialismos, conhecimento situado, colaborativo, unindo ciência, ficção e metáforas. Como enfatiza Haraway (2023), "importa quais pensamentos pensam pensamentos" para formar as alianças, produzir e levar adiante o conhecimento (as estórias) tecido em conjunto.

Um tempo para pensar, figurar e contar estórias e histórias nas quais estamos em jogo uns perante os outros, com narrativas que serpenteiam entre (e através) as grandes narrativas derrotistas, tecnocráticas, teleológicas, carregadas por uma ideia que potencializa a reprodução de assimetrias e distorções (Marras; Tadei, 2022), engendradas no Antropoceno[4] e no Capitaloceno (Haraway, 2023). O tempo do Chthuluceno, por outro lado, demanda formas de ação e de pensamento "[...] que não se dobrem à cultura capitalista dominante" (Haraway, 2023, p. 97). A proposição do Chthuluceno como uma terceira estória

[4] Também encontramos em Eillen Crist críticas à pobreza da nomenclatura Antropoceno. Ela oferece um enquadramento distinto, e mais esperançoso que evoque algo "que aspiramos alcançar": uma "era ecozoica", ou seja, uma visão da humanidade-na-natureza como uma união na diversidade, na qual a humanidade pode abraçar a comunidade viva integral da Terra (Crist, 2022, p. 54).

necessária surge imersa em lodo, húmus, compostos e liquens – as "humusidades" –, tudo o que fomos, somos e seremos, em meio a uma diversidade de participantes humanos e não humanos, isto porque:

> [...] diferentemente do Antropoceno e do Capitaloceno, o Chthuluceno é composto de estórias e práticas multiespécies contínuas de devir-com em tempos precários e arriscados, nos quais o mundo não acabou e o céu não caiu[5] – ainda. Estamos em jogo uns com os outros. [...] os seres humanos não são os únicos atores importantes do Chthuluceno, e todos os outros seres não apenas reagem a eles. A ordem é retricortada: os seres humanos são com a Terra e da terra, e as potências bióticas e abióticas dessa Terra dão forma à narrativa principal (Haraway, 2023, p. 113).

Nessa linha de argumentação, Haraway provoca um descentramento em relação à ideia ocidental de protagonismo humano sobre a natureza não humana e propõe não apenas outra forma de nos relacionarmos – com a Terra, entre humanos e não humanos –, mas desorganiza o próprio conceito de humanidade, substituindo-o por outras formas de mundificação, as "humusidades" (Marras; Tadei, 2022; Haraway, 2023).

O protagonismo dos não humanos, nesse sentido, implica entendermos que as dimensões sociais e comunicativas envolvidas no Chthuluceno ampliam a nossa própria percepção a respeito das faculdades comunicativas não intrínsecas a nós, humanos, como destaca Haraway a respeito de plantas, fungos, abelhas, bactérias. Essas relações mudam o que entendemos por comunicação, tendo como referência outra ontologia que provoca o deslocamento do pensamento antropocêntrico em direção a uma antropologia multiespécie.

Nesse caminhar, a proposição Chthuluceno emerge como um sistema mais aberto, simpoiético e mais permeável às "[...] possibilidades libertadoras de um futuro desordenado, misturado, interespécie" (Moore, 2022, p. 21). A simpoiese de Haraway é um campo de possibilidades onde não se caminha sozinho, mas sempre em parceria. Simpoiese significa "fazer-com" (Haraway, 2023, p. 119). É também uma forma apropriada de nomear as dinâmicas para se compor sistemas complexos, responsivos, situados e históricos – lembrando que Haraway enfatiza que tudo está conectado a algo e que a ideia de conexão também implica respons-habilidade: importa com quem nos alinhamos e por quem somos responsáveis (na teia da vida). A simpoiese "[...] amplia e desloca a autopoiese e todas as outras fantasias de sistemas autoformados e autossustentados". Nesse sentido, torna possível

[5] Referência à obra *A Queda do Céu*, de 2015, do xamã yanomami brasileiro Davi Kopenawa, com o antropólogo Bruce Albert.

"ficar com o problema", que consiste em "[...] herdar os danos e feitos de histórias naturais-culturais coloniais e pós-coloniais, ao mesmo tempo em que se conta o conto sobre uma recuperação ainda possível" (Haraway, 2023, p. 249-250).

Uma vez que, para vivermos em um planeta devastado necessitamos de pensamento e ação simpoiéticos (Haraway, 2023, p. 125), um fazer-com que Haraway denomina "mundificações", ela exemplifica, a partir do ativismo de arte-ciência, como é possível se comprometer "[...] com o restabelecimento parcial, a reabilitação modesta e o ressurgimento ainda possível nesses tempos difíceis" (Haraway, 2023, p. 130-131). As reflexões nos auxiliam a repensar, por exemplo, o comprometimento do campo da comunicação, em especial, do jornalismo, para com outras formas de narrar mundos possíveis. Nesse sentido, os povos indígenas e seus projetos decoloniais estão no centro das estórias de aliança trazidas por Haraway (2023), como a coalizão dos povos Navajo e Hopi, no Arizona (EUA), e o videogame *Never Alone*, centrado nas práticas de criação de estórias do povo Inupiat, no Alasca. *Never Alone* é apresentado como o primeiro jogo desenvolvido em colaboração com pessoas Inupiat, o povo originário do Alasca. "Jogue como uma menina Inupiat e uma raposa-do-ártico numa busca pela origem da eterna nevasca que ameaça a sobrevivência de tudo aquilo que elas conhecem" (*Never Alone*, 2014[6] *apud* Haraway, 2023, p. 157).

A criação inventiva e simpoiética do videogame *Never Alone* (2014) (*Kisima Ingitchuna*, em inupiaque) interessa à nossa discussão por envolver uma prática comunicativa e cultural, a contação de estórias, um produto midiático e saberes situados. Além disso, na perspectiva simpoiética de Haraway, esses "jogos de mundo" são práticas do fazer-com, ao reunir coisas e pessoas tão diversas como plataformas de videogames, designers, artistas visuais, contadores de histórias indígenas, ativistas comunitários, jovens. Haraway narra os fios tecidos pelos produtores do *game* para tornar acessível a estória inupiaque sobre o enfrentamento a uma ameaça ambiental, ao mesmo tempo em que traça paralelos a ficarmos com o problema (de viver e morrer bem diante das condições ambientais extremas) e desejar o ressurgimento (ou a possibilidade de regeneração).

A produção compôs alianças para se basear nas ideias, experiências e condições ambientais do povo Inupiat, como por exemplo, localizar a descendente da última pessoa viva a contar essa história e com ela decidir sobre adaptação e desenvolvimento da narrativa; disponibilizar os áudios (do jogo) na língua original, com legendas em dez idiomas; envolver

[6] NEVER Alone. Washington: E-Line Media, 2014. 1 jogo eletrônico. *Apud* Haraway (2023).

as crianças na escolha do animal que acompanha a personagem e nos testes das primeiras versões, etc.

O *game* ensina que nenhuma pessoa age sozinha ("never alone"), o que também expressa, no contexto em discussão, o fim do individualismo como condição ontológica, e da autodeterminação humana e sua superioridade sobre a natureza e a tecnologia. Haraway nos apresenta, então, a um dos fios de mais difícil compreensão, para os ocidentais, na simpoiese de *Never Alone* (2014): o sentir-pensar multiespécie, a partir de uma citação da autora ao conceito de Animismo, de Viveiros de Castro (2010)[7]. A Simanimagenia (Haraway, 2023) é um conceito que nos transporta para as relações entre as personagens do jogo, a menina Numa e sua companheira raposa, que se ajudam mutuamente enquanto enfrentam obstáculos em sua jornada para encontrar a causa da nevasca que ameaça pessoas e lugares.

Nadar na barriga de uma baleia e contar com uma multidão de espíritos ajudantes em um videogame integram ontologias diversas, desde sistemas de informação digitais, personagens de uma narrativa tradicional, ancestralidade, infância, animais e espíritos em um modo fabulativo. Nessa chave de leitura, o jogo enfatiza a relacionalidade interespécies numa abordagem perspectivista, uma equivalência entre as relações mantidas por/entre humanos e não humanos, um devir-com multiespécie na qual pode-se configurar um pensar-sentir junto a outras entidades e coisas e estabelecer alianças e vínculos afetivos.

O Chthuluceno, como mundificação e um caminho para pensar o lugar da humanidade na teia da vida, é uma proposta simpoiética que nos diz sobre ser capaz de emaranhar, de fazer com, de produzir conexões e desconexões, de compor figuras com fios ou SF. Essa fabulação social especulativa desdobra uma série de práticas sobre um modo de viver junto, de fazer coletivos.

4 Espécies companheiras, mídia e indústria

O trabalho de Donna Haraway também se caracteriza por uma abordagem teórico-metodológica que situa os fenômenos em uma perspectiva histórica e compreende o entrelaçamento entre indústrias, consumo e mídia, sem abrir mão de análises discursivas e semióticas, que lhe auxiliam no trabalho meticuloso de "[...] rastrear um enredo, adicionando

[7] A noção de animismo, segundo Eduardo Viveiros de Castro (2010), refere-se a um regime antológico em que todos os seres são pessoas, dotados de consciência e intencionalidade, embora com corpos diferentes. No animismo, a distinção entre humano e não-humano é relacional, e não essencial. Essa perspectiva é central no pensamento ameríndio (Viveiros de Castro, 2010).

alguns fios que inicialmente poderiam parecer caprichosos, mas que depois se revelam essenciais à trama" (Haraway, 2023, p. 231).

Para nos lembrar da história de cinco mil anos de domesticação dos frangos e galinhas e sua relação com a humanidade, principalmente no que se refere à produção industrial da carne de frango e a superexploração desses animais, Haraway (2022a) se ancora na figura do personagem da Disney Chicken Little, do filme de animação *O Galinho Chicken Little* (2005). Também recorre a vários casos noticiados pela mídia envolvendo a criação em larga escala e a comercialização de frangos ao redor do mundo, inclusive para o abastecimento de redes de *fast food* como o McDonald's.

Alinhavando fatos históricos, científicos e midiáticos, a autora assinala o quanto se trata de uma indústria pouco ou nada sensível ao sofrimento desses animais – mesmo sendo altamente tecnológica –, e como também revela disparidades econômicas e sociais ao redor do mundo. Haraway faz um paralelo entre as condições precarizadas de existência desses animais destinados ao abate em escala industrial e os próprios trabalhadores humanos nesses contextos laborais, atentando para as similaridades de condições de existência degradantes de diferentes espécies em face à tecnocultura capitalista. Como proposta para uma abordagem crítica da questão e, ao mesmo tempo, que seja capaz de oferecer alternativas, sugere: "Siga a galinha e encontre o mundo" (Haraway, 2022a, p. 362).

Nessa perspectiva, "seguir" os animais, bem como os ativistas em defesa dos direitos dos animais, também revela outras formas de exploração, como aquelas relacionadas ao campo científico e à bioética: as experiências e testes com animais em laboratórios. Em geral, o tema adquire certa visibilidade pública quando ativistas e organizações não governamentais realizam protestos e ações que descortinam irregularidades em procedimentos que podem resultar em algum tipo de sofrimento aos animais ou mesmo casos de maus tratos.

"Seguindo" os animais domésticos, em especial cães e gatos, chegamos a outra indústria, hoje extremamente lucrativa: a do mercado pet. No Brasil, os animais de estimação já fazem parte do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, segundo dados do Instituto Pet Brasil (IPB, 2022), havia 149,6 milhões de animais de estimação no país em 2021, sendo 58,1 milhões de cães, 41 milhões de aves canoras, 27,1 milhões de gatos, 20,8 milhões de peixes e 2,5 milhões de pequenos répteis e mamíferos. Nas mídias sociais, multiplicam-se memes e vídeos de animais domésticos brincando entre si ou com seres humanos, em situações "fofas", curiosas ou engraçadas.

Haraway (2022a) discorre sobre o mercado de cães nos Estados Unidos, considerando que se trata de um dos países que mais contribui com a indústria global de animais de companhia, movimentando bilhões de dólares em todo o mundo. A cultura canina de consumo envolve não apenas itens de nutrição, acessórios diversos (brinquedos, roupas, mochilas, camas, etc.) e serviços médicos, mas também festas, seguros, hoteizinhos, creches e serviços pedagógicos, além de publicações especializadas. Segundo Haraway (2022a, p. 70), os cães nos Estados Unidos são ao mesmo tempo "[...] mercadorias e consumidores de mercadorias". Partindo dos estudos de Karl Marx, ela defende o conceito de *biocapital* e propõe uma estrutura tripartite para se compreender a dinâmica do mercado contemporâneo que envolve animais domésticos: valor de uso, valor de troca e valor de encontro. "O valor de encontro transespécies diz respeito a relações entre um conjunto variado de seres vivos, e nele o comércio e a consciência, a evolução e a bioengenharia, a ética e as utilidades estão todos em jogo" (Haraway, 2022a, p. 70-71). E sentencia: "Na carne e no signo, os cães *são* mercadorias" (Haraway, 2022a, p. 79).

5 Uma perspectiva pós-feminista

Outro investimento teórico-metodológico adotado por Donna Haraway e que perpassa praticamente toda sua obra é a perspectiva feminista, que é crítica ao feminismo pós-moderno e que se aproxima dos ecossocialistas, dos ecólogos, dos ativistas dos direitos humanos, dos movimentos sociais e dos cientistas não ortodoxos. Isso marca seu horizonte de investigações em torno das mais variadas questões.

Trata-se de um feminismo que também adere às identidades fluidas, aplicadas a qualquer tipo de entidade – humana ou não –, e ciente de que a categoria "Outros dos Homens", frutos das Grandes Divisões (conceito que ela busca em Bruno Latour)[8], agrega "[...] deuses, máquinas, animais, monstros, criaturas rastejantes, mulheres, servos e escravos e não cidadãos em geral" (Haraway, 2022a, p. 17).

A pesquisadora traz sua contribuição para essa reflexão ao tensionar os diversos feminismos que se forjaram a partir do final do século XX, pautando-se também no reconhecimento das categorias de classe social, raça e sexualidade que atravessam a condição

[8] Segundo Latour (1994), o projeto moderno estabeleceu grandes divisões, ou separações, para que pudesse sustentar certos princípios de organização do mundo: divisão entre natureza e cultura, entre humanos e não humanos e pré-modernos e modernos. A categoria "Outros dos Homens", nesse sentido, refere-se a tudo o que é excluído a partir dessas grandes divisões, tornando-se o oposto do "Nós" da perspectiva moderna.

feminina na contemporaneidade. Esse conjunto de proposições também irá complexificar as relações entre ciência, tecnologia e sociedade.

Haraway compreende o conhecimento científico e a dimensão tecnológica como inerentes ao seu fazer político, o que pressupõe um permanente trabalho de transgressão de fronteiras. Ela investe na potência do feminismo como elemento estruturante de uma mudança de paradigmas nas relações sociais.

A política-ciborgue proposta pela autora considera três quebras de fronteiras fundamentais. A primeira delas é a fronteira entre o humano e o animal que, uma vez transposta, permite o surgimento do ciborgue, essa figura mítica que assinala uma junção entre pessoas e outros seres vivos. Os movimentos em favor dos direitos dos animais, por exemplo, refletem o "[...] reconhecimento das conexões que contribuem para diminuir a distância entre a natureza e a cultura" (Haraway, 2013, p. 40). Outra distinção questionada é entre animal-humano (organismo) e máquina, pois o avanço tecnológico do final do século XX desenvolveu dispositivos que tornam ambíguas as diferenças entre o natural e o artificial, a mente e o corpo. Afinal, ambos organismos e máquinas podem ser compreendidos como textos codificados. Por fim, reconhece-se também a imprecisão das fronteiras entre o físico e o não-físico. Dessa forma, o feminismo ciborgue – o tecnofeminismo – "[...] deve orientar-se contra toda dominação e controle acerca da identidade e subvertê-las", considerando que "[...] o conflito gira sempre em torno de conhecimento e informação" (Soares, 2024, p. 4).

Haraway compreende o feminismo como uma abordagem multidisciplinar e que questiona a crença da objetividade no campo das ciências, das tecnologias e da produção do conhecimento. Nesse sentido, sua abordagem valoriza as complexidades e influências sociais na produção de conhecimento, buscando maneiras de integrar a experiência corporal na crítica das ciências e tecnologias modernas (Haraway, 1995).

Em seus textos, a autora se identifica como uma pesquisadora de *science studies* feministas, demarcando sua filiação a uma abordagem específica. Vários enunciados também ilustram o modo como se situa nas histórias – inclusive com seu corpo e como uma mulher mais velha, em textos mais recentes –, demonstrando como somos implicados nos eventos e que, em geral, estamos imersos nos fenômenos, "[...] nas ecologias, nas economias, nas espécies e nas vidas" (Haraway, 2023, p. 231), mesmo com nossas diferenças: "[...] meu eu menopáusico – eu, uma pesquisadora feminista dos *science studies* e amante dos animais por toda a vida [...]" (Haraway, 2023, p. 222).

6 Conclusão

Mesmo considerando a densidade da obra de Donna Haraway, foi possível traçar neste artigo algumas linhas teórico-metodológicas possíveis para o campo comunicacional. Portanto, a conclusão traz algumas sínteses a respeito das teorias e dos métodos de trabalho adotados pela filósofa que possam auxiliar em reflexões e análises de fenômenos, produtos e processos do campo da comunicação, apropriando-se de certos princípios de compreensão do campo científico propostos pela autora. Esse olhar pode permitir abordagens atravessadas pelas "humosidades" em relação a temas que envolvam a natureza, o meio ambiente e os não humanos, como as capivaras, os bois, os cães, as aranhas ou os fungos.

A partir de sua visada pós-feminista, Haraway trata da importância das abordagens parciais, situadas e, portanto, subjetivas, tão necessárias para se desconstruir a falsa visão objetivista da realidade, muitas vezes transposta para o jornalismo, por exemplo. Quanto maior a parcialidade – somos agentes situadas e implicadas nos eventos e fenômenos –, maior a capacidade de situarmos, nomearmos e posicionarmos de onde provém o conhecimento e o que podemos fazer com ele. “Objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados” (Haraway, 1995, p. 18) – a racionalidade posicionada.

Os saberes localizados – e corporificados – resultam em uma compreensão dos fenômenos não somente a partir de uma ideologia, mas em função da própria condição de sujeitos nos e dos processos comunicacionais multiespécies. Dizem respeito a “como a verdade é produzida” e como as “[...] práticas concretas de determinadas pessoas produzem a verdade” (Weigel; Haraway, 2022, p. 22). A corporificação feminista não se refere a localizações fixas em corpos reificados (feminino ou não); trata-se de uma “prótese significante” (Haraway, 1995, p. 29).

O ato de narrar, de contar histórias, pressupõe a busca ativa por fios capazes de enredar fatos e sujeitos, de construir redes em torno dos saberes. Daí a importância da metáfora como recurso para entender o “mundo-como-código” (Haraway, 1995, p. 12) e a relação entre corpos e linguagem. Sobretudo em relação às tecnologias da visualização – que se sobressaem no campo midiático atual –, as metáforas oferecem meios para se apreciar simultaneamente tanto os aspectos concretos (“reais”), quanto os aspectos da semiose e da produção no que chamamos de conhecimento científico.

Seguir os agentes dentro ou fora de seus contextos também requer certa “suspensão de ontologias e epistemologias” e, principalmente, prestar atenção às alteridades: em um

mundo de espécies companheiras, nossa existência não se difere tanto da existência de fungos ou bactérias, por exemplo, o que nos permite contar estórias em parceria, em simpoiese.

Frente às mudanças de parâmetros necessárias para se investigar fenômenos cada vez mais complexos em um planeta degradado, considerar as alteridades e a agência dos "objetos" estudados; abandonar os binarismos, reconhecendo as ambiguidades e contradições de sujeitos e agentes; optar pela racionalidade parcial, posicionada, relativa aos conhecimentos situados; questionar as fronteiras entre animal e humano e entre máquina e organismo; apropriar-se do conceito de multiespécies; abrir espaço para conexões e entrelaçamentos improváveis, surpresas e ironias; construir metáforas e narrar em simpoiese podem ser alguns princípios úteis tanto para investigações científicas, quanto para a própria produção midiática dos agentes inseridos no campo da comunicação social.

Referências

BARRUCHO, Luís. Entenda a polêmica envolvendo a capivara Filó. **BBC News Brasil**, São Paulo**,** 1 maio 2023.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.4013/924. Acesso em: 10 jun. 2024.

CRIST, Eileen. A pobreza da nossa nomenclatura. *In*: MOORE, Jason (org.). **Antropoceno ou capitaloceno**? Natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022.

DONNA Haraway. *In*: ENCICLOPÉDIA de Antropologia. São Paulo: FFLCH/USP, 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Comunicação e gênero no Brasil: discutindo a relação. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 103-138, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27643. Acesso em: 10 jun. 2024.

FRANÇA, Vera. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. *In*: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (org.) **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HARARI, Isabel; CAMPOS, André. Carga de 19 mil bois do Brasil infesta o ar da capital da África do Sul. **Repórter Brasil**, São Paulo**,** 21 fev.2024.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu, 2022a.

HARAWAY, Donna. Habitar a barriga do monstro. *In*: DANOWSKI, Débora; CASTRO, Eduardo Viveros.; SALDANHA, Rafael (org.). **Os mil nomes de Gaia**. Rio de Janeiro: Machado, 2022b. v. 1.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu,** Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

INSTITUTO PET BRASIL (IPB). **Censo Pet IBP**: com alta recorde de 6% em um ano, gatos lideram crescimento de animais de estimação no Brasil. São Paulo: IPB, 18 jul. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Edições 34, 1994.

MARRAS, Stelio; TADDEI, Renzo (org.). **O Antropoceno**: sobre modos de compor mundos. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

MARTINS, Daniela. C. **Pode o animal falar?** Um estudo sobre o especismo no jornalismo brasileiro contemporâneo. 2021. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Histórias das teorias da comunicação**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MOORE, Jason W. (org.). **Antropoceno ou capitaloceno?** Natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022.

NEVER Alone. [Kisima Ingitchuna]. Washington: E-Line Media, 2014. 1 jogo eletrônico.

O GALINHO Chicken Little. Direção: Mark Dindall. Burbank: Walt Disney, 2005.

PAZ, Mauricio. Quase 10 mil animais são resgatados durante enchentes no RS; voluntários se organizam com abrigos e cuidados. **G1 RS**, Porto Alegre, 10 maio 2024.

REPÓRTER BRASIL. Após caos por esterco de 19 mil bois, ONGs pedem fim de exportação de gado vivo. **Repórter Brasil**, São Paulo, 28 fev. 2024.

SOARES, Maria Helena S. Donna Haraway e a implosão do projeto moderno de ciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 32, n. 2, p. 1-10, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2024v32n293449. Acesso em: 10 jun. 2024.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

VICENZO, Giacomo. Justiça reconhece família multiespécie e devolve cão a morador de rua. **UOL**, São Paulo, 9 jul. 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEIGEL, Moira; HARAWAY, Donna. Uma enorme e pretensiosa ninhada: Donna Haraway sobre verdade, tecnologia e resistência à extinção. **Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 57, p.20-40, 2022.

From cyborg to fungi: Donna Haraway's contributions to the field of communication

Abstract

This article discusses some of Donna Haraway's main research topics, concepts and theoretical-methodological approaches, with the aim of pointing out possibilities for application in research and studies linked to the field of social communication, thus opening paths for new epistemologies. The author's reflections on information, multispecies, bioethics, nature, the Anthropocene, among other topics, can provide support for understanding the dynamics that exist between different social actors involved in various natural, social and cultural phenomena, including from the perspective of communication. To this end, the bibliographic review was the main methodological resource used in this work. The investigation identified in the author's writings reflections that in some way are anchored in communication phenomena and in the dynamics of information exchanges as metaphors for complex processes involving our relationship with the environment, nature and other living beings.

Keywords

Donna Haraway; social communication; epistemologies; multispecies; nature

Autoria para correspondência

Daniela Zanetti
daniela.zanetti@gmail.com

Como citar

ZANETTI, Daniela, BRAVIN, Adriana. Do ciborgue aos fungos: as contribuições de Donna Haraway para o campo da comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 58, e-148246, 2026. DOI: https://doi.org/10.19132/1807-8583.58.148246

Recebido: 16/06/2025
Aceito: 15/09/2025

Copyright (c) 2026 Daniela Zanetti, Adriana Bravin. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

